

HISTÓRIAS DE (DES)AMORES NO "NAMORO NO RÁDIO": afetos e narrativas*

Adriane de Mello Boff**

O inverno anunciava-se rigoroso. Era uma sombria tarde de sábado. Liguei meu rádio numa emissora A. M., para saber a temperatura daquele dia sem sol. A Rádio Farroupilha, de tempos em tempos, informa a hora e a temperatura do dia, situei então no dial o número 980. Inesperadamente, ouvi uma voz masculina solicitando uma companheira para "morar, casar":

"Eu não tenho casa para morar, gasto muito com aluguel. Quero uma mulher para morar."

Assombrada com comentários que soavam tão "crus" e, naquele momento, assumiam um sentido obscuro e estranho a respeito de determinado enlace conjugal, continuei ouvindo aquela emissora. Aos poucos fui compreendendo o que se passava por ali. De repente, a voz do locutor confirmava minhas suposições:

"Este é o nosso Adeus à Solidão. Então é isso, gente, quem quiser arranjar um companheiro, porque não agüenta mais a solidão, vem aqui. Vem aqui na Rádio. Ainda é cedo e tem um monte de

* Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no GT "Gênero em Narrativas", XIX Reunião da ABA, março de 1994. Agradeço à Claudia Fonseca que de forma gentil e dedicada acompanhou a finalização deste artigo. As observações deste texto fazem parte de minha pesquisa para a dissertação de mestrado.

** Mestranda em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

gente aqui. Quem quer achar um namorado, uma namorada, vem pra cá. Tá cheio de gente séria, honesta, esperando encontrar alguém pra se esquentar nesse frio.”

Movida pelo estranhamento e, ao mesmo tempo, seduzida, procurei no sábado seguinte aquele local. Idéias martelavam em minha cabeça e fui até lá pensando na possibilidade de pesquisar o fenômeno que, naquela época, havia classificado, simplesmente, como "mercado da solidão". Para minha surpresa, mais uma vez, não esbarrei em filas organizadas, nem com um grande número de funcionários da Rádio explicando os passos necessários para se ter acesso ao microfone. Pelo contrário, avistei ali algo como um circo, ou melhor, uma festa: um trânsito intenso, um entra e sai das dependências da Rádio, um grande número de homens e mulheres, algumas crianças, música farta, microfone e muitas histórias. Naquela ocasião, então, optei por pesquisar a interação das pessoas que entusiasmadamente circulam naquele local em função do "Adeus à Solidão". Munida da sugestão de Geertz (1978:32), que diz que "os antropólogos não estudam as aldeias (...), eles estudam nas aldeias",¹ centrei meu trabalho de campo nas pessoas que freqüentam o "namoro no rádio", pois preferi privilegiar questões relativas àquele movimento vivaz e intenso, àquele clima fervoroso e animado, construído entre as pessoas que ali estavam para namorar.²

¹ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

² Nesse sentido, privilegiei a interação dos freqüentadores do "Adeus à Solidão" e deixei de lado as discussões associadas à própria Rádio - comunicação de massas, recepção etc. No tocante à relação entre Rádio Farroupilha e cultura de "massa", ver CHAGAS, Miriam: *Uma Mão Lava a Outra: A Interação de Grupos Populares com a Rádio Farroupilha*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRGS, PPGAS, 1993.

O presente artigo é parte dessa pesquisa. Propõe questões acerca de determinado código de expressão dos afetos entre as pessoas que freqüentam o programa "Adeus à Solidão", de uma estação A.M. de Porto Alegre - Rádio Farroupilha - que viabiliza encontros de casais. Contudo, antes de lançar proposições sobre essa reflexão, apresento alguns dados a respeito do "namoro no rádio".

Ali, homens e mulheres procuram um companheiro. Há declarações explícitas por parte das pessoas que buscam o programa com respeito a um possível casamento ³. Entretanto, o namoro, mais que o casamento, aparece como a prática que se sobressai a propósito das trocas afetivas constituídas no "Adeus à Solidão". O programa é conhecido por aqueles que dele participam como "namoro no rádio".

Esse programa é transmitido ao vivo, e as pessoas que desejam participar dele deslocam-se até a Rádio aos sábados à tarde - ocasião especialmente reservada pela emissora ao "namoro no rádio". Muitas pessoas chegam cedo e esperam em frente à Rádio até que esta dê início às atividades, às 13h30min. Um clima misto de ansiedade e festa começa a brotar nesse momento.

Quando o guarda que zela pela segurança do prédio abre a porta, dando acesso à Rádio, as pessoas entram rapidamente. Parte delas apressa-se em assegurar um lugar no banco da sala de espera, onde os olhares sedutores examinam aqueles que por ali circulam. Outra parte dirige-se a uma fila que se forma em frente ao guichê de entrada no estúdio para fornecer alguns dados que serão inseridos numa ficha, pelo produtor responsável. Cada um recebe uma etiqueta adesiva, na qual o produtor escreve o nome

³ A noção de casamento é entendida aqui a partir da co-residência e do conhecimento desse fato pela comunidade.

do candidato, para facilitar sua identificação, e fixa-a no lado esquerdo ou direito do peito, sobre a roupa.⁴

"A gente entra lá (na Rádio), faz uma ficha, quando a gente quer namoro. No que trabalha, onde mora, quantos anos tem, qual a pessoa que prefere, de quantos anos. Aí o Gugu lê (ao vivo)". (Adão, 63 anos, aposentado)

Com a ficha em mãos, os apresentadores, Gugu e João Carlos Albani, encaminham os encontros, divulgando, pelo microfone, os dados da pessoa que está ali procurando um companheiro e as características da pessoa que desejaria encontrar - seja alguém que já esteja ali na Rádio ou alguém que ficou em casa, ouvindo o "Adeus à Solidão".⁵

O apresentador ao descrever o candidato ali presente, sempre começa dizendo: "Estamos aqui com ..., ele(a) é ... (lê na ficha: nome, idade, altura, peso e signo) e veio se apresentar aqui para achar um companheiro...". Em seguida, pergunta à pessoa ali presente a idade e os atributos que deseja no companheiro que procura:

"Uma mulher da minha idade ou pouquinho menos. Porque no amor não tem idade, não é? Eu penso numa companheira que seja para namorar,

⁴ Esses procedimentos - preencher ficha de identificação e colocar etiqueta adesiva - não são requisitos obrigatórios para entrar ou sair das dependências da Rádio.

⁵ As pessoas em casa, no momento que se interessam por alguém em especial, ligam para a Rádio, marcando encontro com a pessoa pela qual se interessou. Esta, por sua vez, recebe o recado por meio do funcionário que atende o telefone. Aquelas pessoas mais dispostas, interessadas em encontrar alguém cujas características foram descritas pelo microfone, podem, ainda, aparecer pessoalmente na Rádio, naquele mesmo dia e/ou enviar um recado confirmando sua ida até lá. Desse modo, o eleito fica de sobreaviso em relação à chegada do interessado.

morar junto, uma mulher séria. Assim, né? Para terminar com a minha solidão, né? Que a solidão é demais. A gente se aborrece assim solito. Só vendo tv, rádio... Não tem como a gente sair para passear. Ou fazer uma viagem. Ou ir numa praia." (Brasil Francisco, 62 anos, jardineiro)

A apresentação daquele que está procurando um companheiro, na maioria das vezes estende-se para além dos dados da ficha. O apresentador, de forma descontraída, coloca o microfone à disposição para que sejam expostas questões que não poderiam ser descritas numa ficha sucinta. Aqui, o tom ora é de brincadeira, ora é "melodramático". As pessoas em volta, que esperam sua vez, riem e/ou fazem comentários, de acordo com a situação. A luz vermelha acesa indicando "NO AR" não impede conversas e comentários abundantes. Os corpos acotovelam-se:

Gugu, no microfone: "O Hamilton Reinaldo tem 52 anos, é separado, tem cabelos grisalhos, olhos azuis, é do signo de leão. Não tem filhos, separado há quantos anos? Dois meses? Mas é tão recente assim, é?" Hamilton aproxima-se do microfone: "Conforme o vento a gente balança as frutas."

As pessoas ao redor riem.

Gugu: "Conforme o vento a gente balança as frutas, ah ai..." (ri).

H.R.: "Não deu mais certo, sabe como é que é ..."

Gugu: "Não deu mais certo. Vocês têm filhos? Quantos filhos vocês têm?"

H.R.: "Seis."

Gugu: "Tiveram seis filhos. Os filhos ficaram com a esposa..."

H.R.: "Ficaram."

Gugu: "E você mora aonde?"

H.R.: "Agora eu tô em Viamão."

Gugu: "Mora em Viamão. Tu já está entrando com os papéis para a separação?"

H.R.: "Já, tá, entramos num acordo."

Gugu: "Entraram num acordo, um vai para o sul o outro para o norte..."

H.R.: "E o outro vai para Bagé, sei lá eu..."

As pessoas ao redor desabam em risos, novamente.

Certas vezes, o apresentador tenta algumas aproximações perguntando à pessoa que está no microfone se não estaria ali na Rádio alguém que já lhe tivesse despertado interesse. Ou, então, em outros momentos, sugere um ou outro, mais ou menos aleatoriamente:

Custódia, 59 anos, aposentada, anuncia ao microfone: "Eu queria falar com aquele (homem) da Lomba do Pinheiro."

Gugu procura ficha em cima da mesa e diz: "É o Seu Cantílio! Vem cá, Cantílio. Olha para ele, Custódia."

Custódia lança um olhar rápido sobre Cantílio e diz ao Gugu: "Ele é meio novo, né? Às vezes, eles não querem"

Gugu pergunta a Cantílio: "Quantos anos tu tens, Cantílio?"

Cantílio: "Tenho 49 anos."

Gugu: "Tu queres ela?"

Cantílio: "Não. Vamos deixar."

Gugu: "Então, tá bom. Quem quiser conhecer a Custódia, vem cá, que ela tá aqui comigo no estúdio."

Para finalizar, o apresentador deseja "Boa sorte pra você...". Em seguida, chama o próximo pretendente ou faz um intervalo com música e/ou anúncios publicitários.

Enquanto a música toca e os patrocinadores anunciam seus produtos, o locutor prepara as cartas e pedidos de anúncios que irão ao ar⁶. Às vezes, o locutor conversa com as pessoas em torno dele ou, com o microfone fora do ar, com o operador de som, que fica em frente a ele, numa outra sala separada por uma janela de vidro.

Por volta das 17 horas, o apresentador conclui: "Isso foi o nosso 'Adeus à solidão' ". E entra a música que inicia e finaliza o bloco:

*"Agora eu já posso dizer adeus à solidão.
Pois sei que o amor tomou conta do meu coração..."*

A porta de ferro sanfonada que dá acesso ao prédio da Rádio baixa novamente. São 17h30min. O público do "namoro no rádio", a partir desse instante, concentra-se nos bares próximos, no Parque, no ponto de ônibus. Em frente à Rádio Farroupilha, na calçada irregular traçada por losângulos das cores vinho e branco desbotadas, propagam-se passos, para lá e para cá, inscrevendo um intenso movimento. O namoro não se encerra quando se encerra o programa. Os espaços para o

⁶ Anúncios de nomes de quem oferece e/ou recebe congratulações pelo aniversário ou falecimento, de carros e outros bens roubados ou perdidos, de nomes e características de crianças e outros desaparecidos.

namoro, portanto, não se restringem ao prédio da Rádio. Menos da metade das pessoas ali presentes chega ao microfone para procurar namorado. Entre as 13h30min e 17h30min, pode-se namorar nos corredores que conduzem ao estúdio e nada impede que o flerte e a conquista ocorram nos bancos da sala de espera da Rádio.

A Rádio Farroupilha e o "Adeus à Solidão".

Esta pesquisa circunscreve-se às pessoas que freqüentam o "namoro no rádio". Contudo, é importante contextualizar o programa, assim como a própria Rádio, no sentido de situar o leitor em termos do ambiente onde observei a interação das pessoas.

A descrição acima já dá uma idéia de alguns desses aspectos: o horário do "namoro no rádio"; a forma de participação de homens e mulheres no programa - ambos anunciando suas histórias e expectativas, animadamente; a condução dos depoimentos por parte dos locutores responsáveis, assim como a possibilidade de relatar experiências afetivas passadas. Os breves dados contidos nas fichas dão lugar a depoimentos preferentemente informais que, por vezes, trazem à tona longas histórias de desacertos ocorridas entre ex-namorados e/ou ex-companheiros. Entretanto, além dessas referências, é fundamental oferecer um mínimo de informações acerca da estrutura da Rádio Farroupilha e do público que participa do "namoro no rádio".

Ouvir o programa nas vilas onde moram aqueles que participam do "namoro no rádio" é algo muito corriqueiro. Em meio às trilhas percorridas até as casas das pessoas que conheci no programa e, muitas vezes, ao longo das visitas, as vozes dos apresentadores da Farroupilha, suas locuções, músicas etc volta e

meia pairavam no ar. Nos armazéns e botecos das vilas por onde passei, em meio às atividades das pessoas que ali se encontravam, a Rádio Farroupilha vociferava em alto e bom som. Muito freqüentemente, a Farroupilha era responsável pela sonoplastia que animava os cenários nos quais busquei as pessoas que havia conhecido no "namoro no rádio". Conforme Domingues, um dos produtores do "Adeus à Solidão":

"A Farroupilha está há seis anos no primeiro lugar do Ibope, com uma diferença de 50% de pontos em relação à segunda colocada."

A Rádio Farroupilha, no total de sua programação, obtém 43.5 pontos de audiência na área de sua cobertura, que envolve a chamada Grande Porto Alegre. Caso se acrescentem nessa audiência os outros 93 municípios do Rio Grande do Sul, com provável 89% de domicílios de cobertura, a Farroupilha atinge a possibilidade de mais de um milhão de ouvintes, conforme dados do Ibope.⁷

Essa Rádio, é importante mencionar, faz parte do complexo de comunicação encabeçado pela RBS TV, transmissora da Rede Globo no Rio Grande do Sul, e da Zero Hora, jornal diário de maior tiragem no estado.⁸

O público-alvo da Farroupilha é composto pelos chamados "grupos populares". As músicas rodadas são do tipo "sertaneja" e das trilhas sonoras das novelas da Rede Globo de Televisão.

⁷ Dados obtidos na pesquisa de CHAGAS: Op. cit. 1993 pp. 52-3.

⁸ As notícias transmitidas pela Rádio Farroupilha são lidas diretamente desse jornal. Não há uma redação específica para a Rádio.

"Piolendia" para piolhos, "Ferradura Loteria da Sorte", casa de comércio de loterias, "Telhas Zatilite", "Amargol para azia e má digestão", "Você merece uma Antártica", "Ótica Dallas", anunciando promoção: "Na compra de relógios e alianças de 18 quilates (...) ganhe anel grátis", "Bingão Milionário no Clube dos Artistas" são alguns, entre tantos, produtos anunciados. Na Rádio Farroupilha, o resultado da loteria federal é dado pelo número e o bicho referente. No anúncio de um evento religioso "Traga sua família (...) Pastor ... estará em Porto Alegre", o item frisado é "a entrada é grátis".

A máxima anunciada durante as programações da Rádio - "O que o povo canta, o que o povo gosta de ouvir, Farroupilha, a rádio da comunidade" - coloca em relevo sua tendência em cativar determinada audiência "popular".

Nas transmissões diárias, há anúncios de ofertas de emprego, nos quais os serviços domésticos do tipo "empregada doméstica" e "caseiro para sítio" figuram como destaque. A Rádio Farroupilha realiza, também, o sorteio "Um Rancho por Semana"; divulga local e data de bailões a serem realizados, assim como concede informações sobre os ônibus que servirão para locomoção até o referido evento. A Farroupilha desempenha, do mesmo modo, papel de intermediária nos empréstimos de cadeira-de-rodas e nas doações de remédios.

Entre as distintas programações da Rádio, escutam-se, da mesma forma, breves blocos onde, ao vivo ou por carta, os ouvintes procuram parentes e amigos desaparecidos. Tem-se, ainda, o horóscopo do dia; a antecipação dos capítulos das novelas da Rede Globo que serão transmitidos à noite e a divulgação de "simpatias" - para "arranjar" marido, para desfazer algum enlace extraconjugal do companheiro, para escapar dos embaraços no convívio com a sogra etc.

Dentre a população que participa do "namoro no rádio", concentro a atenção nas pessoas que freqüentam assiduamente o

programa - 38 homens e 31 mulheres⁹ - e que constituem, ali, grupos de convívio. Em vista disso, denomino-os de freqüentadores.

A maioria dos freqüentadores do "namoro no rádio" declarou já ter "casado" alguma vez (59 das 69 pessoas); a faixa etária predominante está entre os 40 e 70 anos.

Essas pessoas habitam diferentes bairros de Porto Alegre. A maioria reside em vilas de invasão. Entre as mulheres, a forma de moradia mais recorrente é constituída por grupos familiares ocupando a mesma casa. No caso dos homens, estes alugam solitariamente algum cômodo no centro da cidade ou na periferia. As mulheres raramente moram sozinhas, porque a coabitação, em geral, é organizada pelo laço mãe-filhos. São pessoas que raramente possuem empregos fixos: são costureiras, faxineiras, trabalhadores da construção civil, jardineiros. E muitas delas somam ao orçamento oriundo da aposentadoria a renda de outras atividades esporádicas.

*

Na literatura antropológica brasileira, raras vezes se encontram trabalhos que abordem as questões afetivas, apesar da sugestão lançada, há muito tempo, por Mauss (1921)¹⁰.

⁹ Realizei 51 entrevistas informais e 18 entrevistas privilegiando as histórias de vida. Efetuei, também, observações no "namoro no rádio" durante cinco meses e visitei as casas de algumas pessoas (13 mulheres; 8 homens) que conheci naquele local (durante estes mesmos cinco meses). Ali busquei observar, especialmente, suas organizações familiares e as relações com a vizinhança, aspectos que contextualizariam a particularidade do namorar. Estas observações, entretanto, não contemplaram todos os freqüentadores do "namoro no rádio", devido, entre outros motivos, à diversidade geográfica de suas moradias. As observações nos locais de moradia não foram observações tão freqüentes e intensas quanto as que realizei no "namoro no rádio", pois o interesse dessa pesquisa centra-se na interação das pessoas que participam do "namoro no rádio"

¹⁰ MAUSS, Marcel: "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos" (1921), IN OLIVEIRA, Roberto Cardoso: *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática, 1979. O autor, nesse texto, está preocupado em

Excetuando as pesquisas ligadas às camadas médias¹¹, há uma grande lacuna no que toca a estudos sobre os afetos nos chamados grupos populares - universo social aqui investigado. Onde os pesquisadores não encontram mensagens românticas e delicadas, não des-cobrem amores e afeições¹², mas alianças envolvendo, fundamentalmente, estratégias de sobrevivência. Essa perspectiva atrela a razão da aproximação dos casais à necessidade de moradia, ao incremento do orçamento doméstico etc.

Algumas pesquisas antropológicas têm enfatizado as questões da moralidade e dos princípios organizadores da família e da relação homem-mulher¹³. Apesar de a questão da reciprocidade e hierarquia lançar luz sobre a constituição dos afetos, como sugere Machado (1982), não se encontra na literatura antropológica, assim como se localiza na história social¹⁴, uma inspiração fundamental acerca das maneiras de

"defender" o estatuto social dos sentimentos e baseia seu argumento no ritual oral funerário, constituído por gritos, discursos e cantos, cujo tempo, condições de expressão, assim como os agentes, a estética dos lamentos (gritos ritmados) e seus conteúdos (injúrias, formas de eximir o grupo da responsabilidade da morte etc) são definidos coletivamente.

¹¹ VELHO, Gilberto: *Subjetividade e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

¹² Ver, nesse sentido, MACHADO, Lia Zanotta: "Identidade e Individualismo", *IN Trabalhos de Ciências Sociais - Série Antropologia Social*. Brasília, 1982, n. 33, p. 11-3. A autora, ao comparar representações verbais do amor entre jovens meninas de classe média e de camadas populares, problematiza sobre a verbalização explícita ou não acerca do amor.

¹³ DUARTE, Luiz F. D.: *Da vida nervosa das classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986; SARTI, Cynthia: "Reciprocidade e Hierarquia: Relações de Gênero na Periferia de São Paulo", *IN Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Agosto de 1989, (70): 38-46; SALEM, Tania: "Mulheres faveladas: com a venda nos olhos", *IN Perspectivas Antropológicas da Mulher 1*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981; DURHAM, Eunice: *A caminho da cidade*. São Paulo, Perspectiva, 1978; MACEDO, Carmen Cinira: *A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar de um grupo operário*. São Paulo, Hucitec, 1979; entre outros.

¹⁴ Cf. CORBIN (1992), na conclusão deste artigo.

namorar e das expressões dos afetos. Abordo também questões de reciprocidades e alianças. Contudo, proponho que esses elementos sejam lidos também como manifestações de afetos.

Argumento, portanto, que essas afetividades não seguem os moldes "românticos" - idioma habitual do próprio pesquisador - e, desse modo, freqüentemente escapam às atenções acadêmicas. No primeiro contato que tive com o "namoro no rádio", classifiquei os comentários das pessoas como "crus". Essa classificação nada mais é do que reflexo de meu código afetivo, imposto a outras configurações sócio-culturais. E pretendo levantar questões que contribuam no sentido de recuperar uma imagem, de certo modo mutilada, de determinado código de expressão dos afetos.

Em minha convivência com os freqüentadores do "namoro no rádio", pude perceber que se estas pessoas procuram moradia ou alguém para prover seu sustento, nada disso exclui envolvimento amoroso, vaidades e outros aspectos subjetivos que fazem parte do processo da sedução¹⁵. O estranhamento que experimentei na primeira vez em que ouvi o programa, transformou-se em condição de pesquisa. No convívio e observação direta das pessoas foi possível relacionar os depoimentos "nativos" com outros aspectos referentes ao seu sistema cultural e, dessa forma, o que antes parecia obscuro, surgiu, então, embebido em significações possíveis de decifrar.

É por essa razão que apresento aqui histórias contadas e recontadas pelos freqüentadores do "namoro no rádio" sobre amores e desamores passados. As pessoas encaminham-se até o microfone com o fim de solicitar um(a) companheiro(a). Nessa

¹⁵ SAHLINS, Marshall: "Cultura e Razão Prática", IN *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, discutindo a relação "razão prática/utilidade e ordem cultural" e apontando para o fato de as culturas, como um sistema de significados, serem atribuidoras do próprio caráter de utilidade, foi fundamental nessa reflexão.

ocasião, elas expõem as expectativas que têm dos futuros namorados, recordando, não raras vezes, suas histórias de (des)amores passados. São histórias que, apesar de se referirem ao passado, buscam audiência e a valorização do narrador no presente¹⁶. Proponho, neste texto, uma reflexão sobre o que dizem essas histórias acerca da forma de expressão de afetos entre homens e mulheres, ou seja, como se pode alcançar, através dessas histórias, um código particular na maneira de manifestar afetividades.

Histórias de (des)amores: uma maneira de manifestar afetividades

Na ausência de declarações amorosas do tipo daquelas contidas em postais e cromos trocadas por namorados¹⁷, elegi a produção e audição de histórias em relação a experiências afetivas anteriores, recheadas de alusões à mentira, ao engano, não só pela incidência dessas narrativas, mas também porque através delas pude alcançar parte do código de expressão dos afetos do grupo de pessoas que freqüentam o "namoro no rádio".

A análise dessas narrativas busca considerar o ambiente no qual a história está sendo construída, no estúdio, nos corredores, enfim, entre homens e mulheres, numa situação de

¹⁶ Quanto à relação entre o narrador e os fatos que narra, implicando questões acerca da temporalidade, ver TODOROV, Tzvetan: *As Estruturas Narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 1969. Ver, também, a questão da "fábula ou moralité clássica" em DUARTE, Luis Fernando Dias: "Pouca Vergonha, Muita Vergonha: Sexo e Moralidade entre as Classes Trabalhadoras Urbanas", IN LOPES, José Sérgio Leite: *Cultura e Identidade Operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. Museu Nacional, UFRJ-PROED, 1987, p. 219; a questão do "melodrama" em VINCENT-BUFFAULT, Anne: *História das Lágrimas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, onde aparecem "acontecimentos trágicos" simultaneamente à "sensibilidade aliada à moral".

¹⁷ AZEVEDO, Thales: *Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo, Ática, 1986.

namoro; a platéia que participa, ouvindo ou apoiando as histórias contadas; e o objetivo da construção de uma narrativa e não de outra qualquer: seduzir um parceiro num contexto de "desconfiança" entre os sexos, onde surge uma demanda na conquista (ou reconquista) do orgulho pessoal.

As histórias de (des)amores são contadas e ouvidas, por homens e mulheres, no estúdio, no microfone e nos arredores da Rádio.

Ouvi histórias do mesmo tipo nos momentos de visita ao local de moradia das pessoas que freqüentam o "namoro no rádio": no portão em frente às casas e na presença dos vizinhos e filhos, que parecem já conhecer a história contada. Contudo, este artigo privilegia as histórias relatadas no "namoro no rádio", assim como os mecanismos acionados com o fim de atrair a atenção, num ambiente onde o que está em jogo é a sedução, o arrebatamento do outro.

Com relação à platéia que ouve as histórias contadas, é importante frisar que, no estúdio, cria-se uma "pequena comunidade" de "freqüentadores" - pessoas que se conhecem e que, em solidariedade uns com os outros, impõem normas de conduta, isto é, regras sobre a reação conveniente da platéia. Ilustro essa idéia com uma cena ocorrida no interior do estúdio da Rádio.

Era véspera do "dia dos namorados". Enquanto um homem grisalho contava seus reveses a respeito da ex-parceira que o abandonou, Valtino, que visitava pela primeira vez o programa, comentou em voz alta e com ares de deboche: "E por que não seguiu as rédeas?" Duas mulheres e um homem, ambos freqüentadores assíduos do "namoro no rádio" olharam para trás, onde estava Valtino, e encararam-no com "cara feia". Valtino calou-se e saiu do estúdio. Parece que o visitante estava mal-informado sobre o que costumava acontecer no "namoro no rádio". Num ambiente público, como é o "namoro no rádio", as

solidariedades, no que toca à reputação, aparecem como algo importante entre aqueles que freqüentam o programa assiduamente.

Se essas redes de convívio censuram os outsiders, os freqüentadores permitem-se, por outro lado, dar palpites constantes sobre as histórias contadas. Certa vez, no corredor, Carlos, 46 anos, vigia, relatava a outros dois homens, seus velhos conhecidos, os motivos do "desacerto" com Carina, sua ex-namorada: "Os homens batiam na porta da casa dela e ela respondia: 'Agora eu não posso, estou acompanhada'." Seu Nelson, outro freqüentador do "namoro no rádio", que estava próximo dali, no assunto e, de certa forma, se solidarizou: "Mas por mulher não vale a pena se incomodar."

Outra vez, Margot, 56 anos, dona-de-casa, freqüentadora assídua do "namoro no rádio", contava ao microfone sobre o ex-namorado que ela descobriu ser casado em Uruguaiana (cidade distante de Porto Alegre). O locutor do programa comentou: "Mas ela é fogo, desmascarou o malandro lá de Uruguaiana." Homens e mulheres riram, ao redor. Margot, muito orgulhosa, completou sua informação: "A gente tá em casa quieta, mas não é morta." Há um certo fascínio em contar e recontar essas histórias. O encadeamento da história e a possibilidade de ruptura previamente conhecida - o que em linguagem corrente denomina-se de "moral da história" - fornece a "simbologia de uma troca",¹⁸ que repousa no "prazer da narrativa", localizado na cumplicidade entre ouvinte e locutor.

O objetivo da história é, de alguma forma, "cativar" o interlocutor - no mínimo entretê-lo e, se for do sexo oposto, seduzi-lo. No processo de construção da história, as pessoas produzem uma imagem positiva de si, tendo como referência um

¹⁸ SEIXO, Maria Alzira (org.) *Categorias da narrativa*. Lisboa, Vega, s/d.

código de honra¹⁹. Nesse código, inúmeras vezes descrito na literatura antropológica²⁰, o homem deve assumir o papel de provedor e em troca tem o afeto exclusivo da mulher, que deve zelar pelo estabelecimento do conforto do lar. No idioma da honra, a mulher deve mostrar-se "sincera", "caseira" - qualidades associadas à reserva e à "decência" na relação com o parceiro; o homem deve mostrar-se "trabalhador", um sujeito que "assume o compromisso com a casa" - qualidades que descrevem disposição viril.

No "namoro no rádio", vislumbrei, de fato, nas declarações de seus freqüentadores, a evidência constante desse "pacto de reciprocidade entre os sexos". Ao lançar mão dos valores desse modelo ideal, as pessoas buscam conquistar o consentimento social de uma imagem positiva de si, que dê crédito público ao orgulho pessoal. No estúdio, no entanto, as pessoas afirmam a norma evocando rupturas: constroem uma imagem positiva de si em oposição à imagem negativa do ex-companheiro. A mulher fala de si como uma pessoa "sincera", com "sentimentos", como uma mulher "caseira", ao passo que o ex-companheiro é "mentiroso", "sem-vergonha", só quer saber de "farra" e "bebida". O homem fala de si como um sujeito "trabalhador", "sincero", que "assume o compromisso com a casa", enquanto a mulher é "mentirosa", "engana", "abandona" e só está "interessada no dinheiro" do parceiro.

Numa listagem de palavras-chave encontradas nas histórias de amores e desamores passados, evidenciam-se pares

¹⁹ Conforme Julian Pitt-Rivers - PITT-RIVERS, Julian: *The Fate of Shemen or the Politics of Sex*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1977, p. 1 - honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos e também o reconhecimento desse valor pela sociedade (ou seja, o seu direito ao orgulho).

²⁰ DUARTE: Op. cit. 1986; SARTI: Op. cit. 1989; WOORTMANN, Klaas: *A Família das Mulheres*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.

de oposição, nos quais o narrador coloca-se positivamente em contraponto ao ex-cônjuge ou ex-namorado, descrito negativamente. Ou seja, quem rompe o pacto é sempre o outro.

QUADRO I

1- As *mulheres* que participam do "namoro no rádio" *falam de si* em relação aos *ex-companheiros*: (veja página seguinte)

sentimental	X	zombador
sincera	X	mentiroso
recatada	X	mulherengo
prendada	X	bêbado
caprichosa	X	vagabundo
zelosa	X	perdulário
caseira	X	leviano

2 - Os *homens* que participam do "namoro no rádio" *falam de si* em relação às *ex-companheiras*:

confiável	X	mentirosa
casadouro	X	namoradeira
sincero	X	adúltera
franco	X	enganadora
afetuoso	X	interesseira

É fundamental ter em mente que as pessoas que freqüentam o "namoro no rádio" já casaram mais de uma vez - das 59 pessoas que tiveram alguma experiência conjugal, todas casaram no mínimo duas vezes. Em vista dessa trajetória conjugal, essas pessoas chegam ao "namoro no rádio"

"ressabiadas" e, por conseqüência, a relação delas com a norma manifesta-se de modo singular. As oposições destacadas acima sublinham a ruptura freqüente do pacto conjugal, evidenciando o receio entre os sexos de investir na relação e em troca ser "enganado", "passado para trás", não receber do outro a parte que lhe cabe. Se é que se pode falar de um "pacto de reciprocidade" entre os sexos, esse pacto aparece de forma pouco tranqüila.

Cientes da transitoriedade das relações conjugais, em função da troca constante de parceiros, e considerando a falta de possibilidade de benefícios a longo prazo, as pessoas aparentam querer tirar maior proveito um do outro no decorrer da relação. Assim, longe de um ambiente completamente despreocupado e pacífico, os casais procuram manejar uma troca que lhes assegure um mínimo de vantagens. É nesse contexto que se produz uma forma particular de expressar os afetos e que tem a ver com esforços no sentido de satisfazer o orgulho pessoal.

Pela recorrência, no "namoro no rádio", de certas histórias e não de outras, considero que as pessoas contam, ao seu modo, como são constituídas as aproximações amorosas; há uma força explicativa, com respeito ao código de expressão dos afetos, na incidência de determinadas histórias²¹. São apresentadas aqui uma narrativa feminina e outra masculina que exemplificam quais elementos são evidenciados no total das narrativas coletadas ao longo da pesquisa. São histórias recorrentes que anunciam uma seqüência narrativa: num primeiro momento, aparece uma situação aparentemente "harmoniosa"; em seguida, surge algum evento que rompe com esse estado inicial; associada a essa ruptura, o narrador coloca em cena a

²¹ Conforme CORRÊA, Mariza: *O Rumor das Saias de Elvira*, Comunicação à IV Reunião Regional ABA-Sul - 1993.

figura do ex-companheiro(a), classificando-o como responsável pela alteração do estado "harmonioso" inicial; nesse instante aparece a autoqualificação do narrador como um sujeito disposto a resistir a malefícios causados pelo parceiro. A lógica dessas narrativas não varia de acordo com o sexo de seus enunciantes. O elemento diferencial das narrativas masculinas e femininas diz respeito aos valores acionados no momento em que o narrador atribui qualidades com respeito a si: as mulheres qualificam-se por meio da rubrica da "esperteza" e recato - são falas que encontram eco nas conversas entre mulheres (buscando realçar determinado saber feminino quanto às relações com "seus" homens) e, também, na conversa com os homens (tentando tranquilizá-los à medida que pretendem fazer crer que as mulheres "espertas" não se jogam nos braços do primeiro homem que aparece); os homens qualificam-se através da disposição viril de "ser trabalhador", associada ao ideal do companheiro-provedor.

Uma narrativa feminina

"Eu conheci ele ali na sala de espera (da rádio). Ele foi me visitar e em seguida (uma semana depois) nós começamos a morar junto na minha casa, porque ele não tinha casa. Inclusive, ele me dava as coisas todas. A gente vivia uma vida simples, mas maravilhosa. Depois foi enfraquecendo o namoro, porque ele mentia muito. E quando uma mulher pega um homem ela quer que ele seja uma pessoa sincera. Pois eu dei um trote no telefone, onde ele trabalhava, e peguei ele, fiquei sabendo que ele tinha outras. Eu tava sentada com a Sirlei e disse para ela que eu ia telefonar, pois tinha me

dado um palpite que eu ia descobrir algo da vida dele. Telefonei como se fosse uma conhecida, uma amante dele e ele foi respondendo. Aí eu fui perguntando: 'Que horas eu posso ti esperar?. Às 2 horas, sábado? Tu não tem medo da tua mulher te pegar?' E ele disse assim: 'Não, eu não tenho mulher. Eu sou livre.' Enquanto que era eu que tava conversando com ele. Daí eu disse: 'Então, sem-vergonha, tu não tem mulher? Pois é a tua mulher que tá conversando contigo'. Aí ele caiu durinho. Daí eu fui no serviço dele. Cheguei lá, os amigos dele pegaram no pé dele. Eu fiquei com vontade de nem sei o que fazer. Porque é triste a gente dentro de casa e ele por aí. Aí ele veio para me abraçar e eu disse: 'Não, sai. Porque agora a gente vai conversar. Quer dizer que tu tem outra. Quer dizer que tu tem uma companheira para lavar tuas roupas, mas no sábado de tarde, na hora do passeiozinho tu tá é gastando dinheiro com a outra. Pois para mim não me serve. Não dá mais'. Aí, nós terminamos." (Ivonilda, 47 anos, empregada doméstica)

Quebrado em partes o depoimento de Ivonilda tem-se a seguinte história:

1. A aproximação do casal e o convívio inicial, quando tudo é "maravilhoso";
2. A desconfiança da transgressão do parceiro: "Eu tava sentada com a Sirlei e disse para ela que eu ia telefonar, pois tinha me dado um palpite que eu ia descobrir algo da vida dele.";
3. A construção de categorias em oposição: o *eu* - "sincero", traído, que suportava tudo "dentro de casa" e o *outro* -

"mentiroso", traidor, que "passeia" e "gasta dinheiro com a outra";

4. A presença da figura da mulher "esperta": "Pois eu dei um trote no telefone, onde ele trabalhava, e peguei ele...";

5. A presença da figura da mulher 'valente': "Daí eu fui no serviço dele".

6. A tentativa de reconciliação pela parte acusada: "Aí ele veio para me abraçar...";

7. A recusa da proposta de reconciliação - o troco dado: "Pois para mim não me serve. Não dá mais. Aí, nós terminamos."²²

A mulher "enganada" queixa-se. Além de se estar diante de um contexto onde a privacidade é pouco possível, Ivonilda não guarda segredo ao relatar a história, pois, assim, divide com os ouvintes sua "tristeza" e, ao mesmo tempo, vinga-se do companheiro narrando a "traição" e a forma como foi resolvida a crise ("Pois para mim não me serve. Não dá mais. Aí, nós terminamos.").

O processo de desentendimento do casal, segundo Ivonilda, é presenciado pela amiga Sirlei e pelos "amigos dele" no serviço. Sua imagem é enaltecida pelo sofrimento, posto a público, de ter um companheiro que "mente", que enquanto ela está em casa "triste", "lavando as roupas" dele, ele passeia e gasta dinheiro com a "outra".

O rompimento da relação conjugal levada a cabo pela mulher resulta em humilhação para o homem: 1) porque viola o direito, lançado no pacto de reciprocidade, ao corpo da mulher com exclusividade; 2) ele tem que conviver com o direito e a possibilidade do recasamento da ex-companheira, onde a imagem

²² As histórias de mulheres casadas sobre traição conjugal, analisadas por Cláudia Fonseca em *A mulher valente: gêneros e narrativas*, mimeo, s/d, seguem esse mesmo padrão, só que com desfecho diferente: as mulheres restabelecem o equilíbrio do casal em vez de se separarem.

de um novo parceiro significa que um outro homem, não ele, está à altura de salvaguardar a relação conjugal, no que toca à parte que cabe ao parceiro na manutenção da saúde do casal.

Uma narrativa masculina

Antes de descrever uma narrativa masculina, apresento algumas considerações sobre a possibilidade de exposição pública das "queixas" masculinas.

Algumas pesquisas qualificam a queixa como arma feminina, no processo de conquista da honra ²³. Fonseca diz que o homem que sofre devido à companheira adúltera resigna-se ao silêncio. Não põe a público seu sofrimento, sob pena de ser ridicularizado, de ser chamado de "corno" ²⁴. Não é surpreendente que uma queixa masculina em público venha a ser uma "faca de dois gumes", isto é, pode provocar piedade por parte de quem ouve e, com isso, conquistar apoio social, porém pode também promover um ambiente de achincalhções. Em contrapartida, é evidente que quanto às queixas femininas, o resultado, em geral, é apoio público e, muito dificilmente, risos.²⁵

No "namoro no rádio", todavia, encontram-se narrativas queixosas nas quais os homens tematizam a si mesmos, relatando

²³ FONSECA: Op. cit. s/d; GREGORI, Maria Filomena: *Cenas e Queixas: Um Estudo sobre Mulheres, Relações Violentas e Práticas Feministas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

²⁴ FONSECA: Op. cit. s/d.

²⁵ OLIVEN, Ruben George: "A Mulher Faz e Desfaz o Homem", IN *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, 1987, vol. 2, n. 37, p. 55, aponta a música popular brasileira como "uma das únicas instâncias públicas em que o homem se permite falar com sinceridade sobre seus sentimentos com relação à mulher. Enquanto em seus outros discursos públicos ele procura transmitir uma imagem de força e superioridade em relação ao sexo oposto, na música, confessa suas angústias e medos, sua fraqueza e sua dor, seu desejo."

experiências de abandonos e traições. Paulo, 51 anos, chorou no estúdio, quando falou do rompimento com a companheira. "Brigamos", disse ele ao microfone, segundos antes de enxugar suas lágrimas com a manga da camisa. Uma mulher ao seu lado consolou-o dizendo: "Não pode chorar". E ele respondeu: "É que eu sou muito sentimental. Foram 36 anos de trabalho". Orestes, 62 anos, declarou ao microfone: "Quero uma companheira, que não brinque com meus sentimentos." O apresentador do "namoro no rádio", entendendo o que Orestes estava sugerindo, perguntou por que ele e a ex-companheira se separaram. Orestes respondeu: "Ela bebia. Me largou e se juntou com o meu irmão. O filho está comigo. Ela não tinha condições".

Os cientistas sociais, com raras exceções, costumam construir modelos de masculinidade fundamentados na firmeza e superioridade viril. Não é possível desconsiderar essas interpretações, visto que, em primeiro lugar, existe uma extensa produção antropológica que reafirma sua pertinência²⁶, e, em segundo lugar, reconhecemos a importância do quadro de oposições - onde o consentimento social da honra surge lançando mão das máximas da força e da virilidade. Mesmo assim, problematizo o alcance desses modelos quanto a determinado comportamento masculino observado no "namoro no rádio". O "modelo viril" faz sentido como vocabulário público associado ao consentimento social da honra, contudo não abrange completamente as ambivalências da masculinidade - aqui, tentar seduzir por meio de uma imagem "frágil". Parece, portanto, fundamental reconhecer outras referências, à medida que, no contexto aqui estudado, surgem comportamentos que de certa forma suavizam a masculinidade-virilidade apregoada. Por que deixar de lado essa "outra face", onde o receio de confessar

²⁶ Ver, entre outros, DUARTE: Op. cit. 1986.; SARTI: Op. cit. 1989.

publicamente o abandono das ex-companheiras não pesa tanto sobre as práticas desses homens?

Essa "outra face" aparece de forma clara nas letras das músicas sertanejas, repertório básico da Rádio Farroupilha, onde se tem a imagem do homem que foi traído, que implora a volta da mulher amada. Nesse âmbito, o amante aparece frágil. A masculinidade viril e potente é matizada pelo sofrimento de perda da companheira. Os versos "Diga por que você me abandonou. Diga se eu não fui homem suficiente..." sugerem uma sensibilidade masculina que circula pelos aparelhos de rádio.²⁷

Veja-se aqui a história contada por Cantílio, 49 anos, aposentado:

"Eu me acidentei e tive que ficar numa cama (paralisado). E ela (a ex-companheira, mãe de seus filhos) esperou eu começar a usar muleta para me largar. Ela de certo pensou que eu ia ficar a vida toda assim e não queria passar o resto da vida passando trabalho comigo. Mas não é assim, né? Pois o homem quando assume uma mulher, quer ela para todas as horas. No início, eu nem andava. Eu tive que aprender a falar de novo. E eu dizia para ela que eu não tinha me acidentado vagabundeando. Eu me acidentei no portão (em frente) do serviço. Eu não sou vagabundo. Mas ela não quis nem saber. Então, a minha mãe que me cuidou. (...) Hoje eu sou trabalhador e tenho, ainda, a aposentadoria."

Nesta história tem-se a seguinte seqüência:

²⁷ FORTES, Meyer: *The developmental cycle in domestic groups*. Mimeo, 1958.

1. O fato que desencadeou o "desacerto" do casal, localizado além do homem ou da mulher: o acidente;

2. O eu trabalhador: "Eu não tinha me acidentado vagabundeando. Eu me acidentei no portão (em frente) do serviço."

3. O outro que não reconhece o esforço do trabalho e abandona: "Mas ela não quis nem saber.";

4. A "volta por cima", o troco dado: "Hoje eu sou trabalhador autônomo e tenho, ainda, a aposentadoria."

O que aparece na narrativa de Cantílio? Paradoxalmente, a "queixa" (comumente definida como estratégia de "fracos") aqui aciona a idéia da força, pois lança mão da máxima de "ser trabalhador", que no final das contas é uma rubrica viril, na qual o homem promete ir à rua, sustentar companheira etc. O prestígio de ser "trabalhador", além de ser um valor compartilhado entre pares (e aí inclui outros homens) aparece como aspecto fundamental no mercado afetivo-sexual.

Para entender essas queixas é importante levar em consideração nuances ligadas à classe de idade e ao "ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico". Dentre os 38 homens com quem entrei em contato, apenas dois residem com filhos: um deles, viúvo, coabita com dois filhos, de 13 e 16 anos; o outro mora com uma das seis filhas, pois, segundo ele, "ela briga muito com a mãe". Dentre as 31 mulheres com quem entrei em contato, todas elas moram com filhos ou netos.

Vários autores chamam a atenção para o fato da diminuição da força física e, conseqüentemente, do poder de ganho entre os trabalhadores manuais²⁸. O prestígio de ser "trabalhador", leia-se com possibilidades de sustentar um lar,

²⁸ Ver, por exemplo, BILAC, Elisabete Dória: *Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência*. São Paulo, Símbolo, 1978.

aspecto fundamental no mercado afetivo-sexual, entra num processo de corrosão com o passar dos anos. Talvez essa novidade velha possa contribuir para se começar a pensar sobre um outro ângulo as nuances da construção da masculinidade, até então achatada sob o rótulo da virilidade.

Numa marcha contínua de frustração no desempenho do papel de provedor, a teia de solidariedades ligada à filiação "marginaliza" o marido, no dizer de Woortmann, em detrimento do fortalecimento da relação mãe-filhos na organização doméstica²⁹. Nos casos estudados, é elucidativo que as mulheres nunca moram sozinhas (residem com ou próximas a filhos e netos) e, em contrapartida, a maioria dos homens aluga solitariamente uma "peça".

O modelo de masculinidade viril aparente nas normas públicas está ancorado na presença do homem-marido na família. Os homens que freqüentam o "namoro no rádio", entretanto, não têm família, nem partilham dos laços de solidariedade familiar: no momento de rompimento conjugal deixam a casa para a mulher e os filhos, segundo declarações; depois, casam repetidas vezes; contam pouco com os filhos (que se solidarizam preferencialmente com as mães) e menos ainda com a família de origem, onde pai ou mãe em grande parte são falecidos.³⁰

O homem mais velho não vive no mesmo contexto em que vive o homem jovem. O que ele enfatiza para construir uma imagem positiva também vai ser diferente. Nessas circunstâncias,

²⁹ Ver, como exemplo, a história contada por Cantílio, onde, em razão do acidente, quem "cuidou" dele foi a mãe.

³⁰ De acordo com Parry Scott - SCOTT, Parry: "O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiência do domínio doméstico", IN *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, 1990, p.43 - analisando a representação da casa para os homens: "Muito mais que o homem, ao envelhecer a mulher conta com o abrigo da casa de seus filhos." Nesse sentido, a " 'casa' perdura como um espaço que privilegia a mulher."

suas fragilidades podem torná-lo mais atraente do que suas proezas viris. O homem "expulso de casa" torna-se, no seu próprio discurso, o pai-marido abandonado, injustiçado, e assim estende o convite para outra mulher, mais digna, corrigir tal situação.

Enfim, além do contexto do "namoro no rádio", onde o estilo "melodramático" legitima a queixa masculina ³¹, tem-se outros aspectos que dão sentido às narrativas masculinas: os versos das músicas sertanejas inspirando dissabores e agradando os ouvidos femininos e o iminente rompimento do pacto de reciprocidade fornecendo às histórias "tristes" um caráter verossímil.

*

Nas histórias contadas por Ivonilda e Cantílio, tem-se narrativas operando com imagens de experiências anteriores (passado) e produzindo um movimento que parte de generalizações ("quando uma mulher quer um homem quer que ele seja sincero" ou "pois o homem quando assume uma mulher, quer ela para todas as horas") em direção à singularização (o eu-narrador exaltando suas qualidades e virtudes). São histórias que fazem alusão ao passado, ao mesmo tempo que pretendem conquistar audiência e dignificar o narrador no presente, reafirmando valores que demonstram capacidade em não sucumbir a prejuízos causados pelo ex-parceiro. Tais narrativas são constituídas, também, por uma lógica coerente que, por meio de um código de honra, classifica o relacionamento entre os sexos no grupo social em questão.

³¹ Chagas - CHAGAS: Op. cit. 1993 - , observou um outro programa da Rádio Farroupilha, onde se necessita permissão para ter acesso ao estúdio. Nesta circunstância, consegue visto de entrada aquele que conta a história mais "triste", teatralizando "fome", "mal-estar" etc

Voltando ao código de expressão dos afetos: o que as histórias de (des)amores puderam sugerir?

O "namoro no rádio", ambiente "público" tornado "familiar", e as formas de morar das pessoas - caracterizadas por uma promiscuidade física - mostram um contexto longe do anonimato e muito próximo do controle social.

Se a expressão dos afetos está ligada a um código de honra e está inserida numa realidade social marcada pelo receio quanto ao cumprimento de um pacto de reciprocidade, pela troca freqüente de parceiros, em circunstâncias que não permitem total anonimato, podem as pessoas que freqüentam o "namoro no rádio" ter tanta disposição em narrar histórias de ternura e happy end quanto em contar e recontar histórias de "abandonos" e "mentiras"?

O apetite e o desembaraço no contar essas histórias não estão sugerindo uma forma particular de expressão pública dos afetos que faz sentido nesse contexto?

A observação do contar e recontar histórias de "desacertos" concedeu uma outra luz à interpretação dos afetos e às formas que regulam as suas manifestações.

Corbin, ao delinear o "'Fazer Amor' na Aldeia", expõe a imprudência de certos pesquisadores ao relatar determinados acontecimentos amorosos³². O autor diz o seguinte:

"Evocar o sentimento do amor na sociedade tradicional é, à primeira vista, penetrar em um mundo completamente distinto. Entre os camponeses do século XIX, não se descrevem emoções. As poucas cartas enviadas a suas mulheres pelos

³² CORBIN, Alain: "Bastidores", IN *História da Vida Privada. Vol. 4.* São Paulo, Cia das Letras, 1992, p.524-5.

migrantes temporários (...) não falam a linguagem do coração; o que está em pauta é apenas a estratégia da exploração."

Para determinados pesquisadores, continua o autor:

"... o camponês não pode mostrar-se acessível à paixão senão sob sua forma monstruosa. Ele apresenta-se totalmente invulnerável a este amor romântico que pressupõe a delicadeza das mensagens. Para os vitalistas, a aparência rústica da embalagem corporal basta para provar a pobreza de espírito. No seio do povo, o amor se reduz à rudeza do instinto e à cegueira da abnegação."

Corbin conclui afirmando que tanto os etnólogos quanto os historiadores souberam descobrir que o amor era conhecido, falado e praticado na sociedade rural, bastava vê-lo funcionar conforme um outro código.

Nos casos aqui investigados, o número de vezes em que palavras como "amor", "carinho" etc são expressas entre as pessoas que freqüentam o "namoro no rádio", contrastando com "desacerto", "engano", "mentira", é significativamente pequeno. Resta perguntar: A "linguagem do coração" por acaso não insere "estratégias de exploração" entre os sexos?

O quadro esboçado no decorrer deste artigo descreve um contexto onde mensagens delicadas não são formuladas. A linguagem que expressa os afetos, entre as pessoas que freqüentam o "namoro no rádio", pôde ser interpretada somente por meio da insistência de um tipo de história freqüentemente narrada e não de outras quaisquer. Ali as experiências amorosas são "conhecidas, faladas e praticadas" por meio de lágrimas,

seduções e orgulhos. Nessas circunstâncias e para esse grupo, é essa a "linguagem do amor".

Vale ainda destacar o seguinte diálogo entre dois frequentadores do "namoro no rádio". Roberto, 37 anos, conta a Carlos, 45 anos, sobre a "Corrente do Amor" - um conjunto de orações que determinada igreja oferecia aos solteiros para que conseguissem companheiros "bons e sinceros". Carlos, por sua vez, responde: "Mas não adianta nada disso, camarada. O amor é coisa do diabo." Reunindo em poucas palavras os sentimentos acerca das relações afetivas entre homens e mulheres, a réplica de Carlos traduz o amor como uma emoção forte, terrena e cotidiana, em detrimento de orações ou súplicas que milagrosamente estabeleçam a harmonia (ideal) entre os sexos.

HISTÓRIAS DE (DES)AMORES NO "NAMORO NO RÁDIO": AFETOS E NARRATIVAS

Resumo:

Este artigo pretende recuperar um código particular de expressão de sentimentos dos chamados grupos populares. Para tanto, a autora apresenta histórias de amores e pretende investigar estas narrativas e seus significados no contexto onde elas são construídas.

(UN)LOVE HISTORIES AT "NAMORO NO RÁDIO": SENTIMENTS AND NARRATIVES

Abstract:

This article intends to retrieve a particular code of expression of feelings by the so called popular groups. For that, the author shows love stories and intends to investigate these narratives and their meanings in the context where they are constructed.